

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Chafic Balura

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto

São José do Rio Preto/SP

2023

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral Temática

Entrevistadora: Jurema Rodrigues

Instituição: Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto (098)

Entrevistado: Chafic Balura

Pesquisadora: Jurema Rodrigues

Elaboração do roteiro da pesquisa: Jurema Rodrigues

Local da entrevista: Residência do entrevistado, situada em São José do Rio Preto/SP.

Data: 14 de fevereiro de 2023

Técnico de gravação: Lígia Rodrigues e Oliveira

Duração: 20 minutos e 51 segundos

Número de vídeos: um

Digitação: Rafaelle Tafelli Ferreira, aluna matriculada na 2ª série (2023) do Técnico em Edificações integrado ao Ensino Médio

Transcritora: Jurema Rodrigues

Número de páginas da transcrição: 16

Sinopse da entrevista

Entrevista de história oral temática realizada pela professora Jurema Rodrigues, curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa

Netto, São José do Rio Preto/SP, com o colaborador, professor Chafic Balura, no dia 14 de fevereiro de 2023, às 14 horas, na residência do entrevistado, com a finalidade de compor o projeto “História Oral na Educação: Memórias do trabalho docente”, proposto pela Maria Lúcia Mendes Carvalho, coordenadora de Projetos na Cetec/GEPEMHEP (Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica) da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. O colaborador entrevistado, Chafic Balura, exerceu a função de diretor do Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto, quando em 1975, teve a iniciativa de criar o Jornal Escolar “Ganguru” a fim de divulgar a escola para expandir o número de vagas e de matrículas, como também registrar os acontecimentos da escola.



Jurema Rodrigues e Chafic Balura durante entrevista em 14/02/2023.

Transcrição da entrevista

Transcritora: Jurema Rodrigues

Data da transcrição da entrevista: 12 de setembro de 2023

Jurema Rodrigues (JR): Entrevista de História Oral de Vida, vinculada ao projeto História Oral da Educação do Centro Paula Souza, realizada em 14 de fevereiro de 2023, às 14h, na residência do entrevistado Professor Chafic Balura, pela professora Jurema Rodrigues, curadora do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, São José do Rio Preto, sobre a temática “Jornal Escolar Impresso denominado Canguru”. O entrevistado é o colaborador Chafic Balura, professor e pedagogo, responsável pelas publicações do jornal escolar impresso “Canguru”, no período da década de 1970, precisamente 1975, em que pertencia ao Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto. Boa tarde, professor!

JR: Boa tarde, Professor Chafic.

Chafic Balura (CB): Boa tarde, Professora Jurema.

JR: Conte nos como surgiu a ideia da confecção das publicações e produções das edições do Jornal Canguru? E, também, como foi a escolha do nome do jornal?

CB: Como se sabe, a preocupação maior nossa, da escola, era divulgá-lo, porque na época o ensino técnico profissionalizante, não era muito assim conhecido, e não sabia, a população não conhecia os seus objetivos. Então, nós entendemos e entendíamos que a população precisava tomar conhecimento e principalmente as autoridades constituídas. E aí, nós entramos em contato com várias de várias instituições escolares, e bem como com os órgãos municipais, a Câmara, a prefeitura, e para fazer para que nos ajudasse a fazer a divulgação do jornal e da escola.

JR: E da escola.

CB: Da escola... E então, nós tivemos muito apoio da imprensa escrita e falada, na época, que nos ajudaram muito para divulgar. Tanto é que a escola, que possuía cento e poucos alunos, passou de um ano para o outro, com quase 600, porque no exame de seleção, nós tivemos a maior inscrição para o concurso, para entrar na escola...

JR: Vestibulinho?

CB: O vestibulinho, que é o que existe até hoje pra entrar na Etec? Então, depois de ter conseguido tudo isso, nós achamos por bem, que a gente, que o jornal, que nós deveríamos ter um órgão, um jornalzinho para divulgar aquilo que a escola fazia. E na escola, nós tínhamos a professora Emília Arnaldo Silva, que era esposa do Dr. Arnaldo Silva, Carlos Arnaldo Silva.

JR: Que também era professor da instituição e era promotor?

CB: Ele era professor... Exatamente. E aí, nós procuramos o Prof. Dr. Carlos, e ele então, achou muito boa a ideia. E nós falamos que nós tínhamos dificuldade, econômica e financeira, para poder fazer o jornal. Aí ele falou "Não, prepara o material que eu dou um jeito". Aí nós preparamos todo o material do primeiro número, e aí, ele pegou, indicou a...

JR: A gráfica?

CB: A gráfica pra nós...

JR: Tem um nome da gráfica aqui?

CB: E a gráfica ficava no próprio jornal da época, que era a Folha de Rio Preto, na Rua Coronel Spínola, não é isso? E então nós...

JR: Aqui!

CB: Aqui, foi a Editora e Linotipadora Suzuki Rio Preto LTDA, ficava na Rua Coronel Spínola, 3975, perto da... aqui, quase que no centro da cidade hoje. E aí, surgiu a ideia de qual seria o nome? Então, como o patrocinador era O Canguru...

JR: A empresa Canguru.

CB: A empresa Canguru. Que era... vamos dizer assim?

JR: Que tem até hoje.

CB: Que tem até hoje e era...

JR: Revenda de...

CB: Revenda de veículos da Volkswagen. E aí nós pusemos “Canguru”, aí ficou “Canguru”. Aí nós tivemos, então, o nome Canguru, que era o jornalzinho da cidade, da nossa escola.

JR: Então, além do senhor, a equipe tinha a professora Maria Emília ou Emília?

CB: A dona Emília era a professora de Educação Moral e Cívica.

JR: E também professora de Língua portuguesa.

CB: E ela era esposa do professor Dr. Carlos Arnaldo.

JR: Quem mais fazia parte da equipe?

CB: Do jornal?

JR: É, além do senhor?

CB: Não, ela não. No jornal, eu e o professor Clóvis, nós, ajeitávamos o material e levamos lá para ótica, para ótica não, desculpa...para Linotipadora (*Editora*).

JR: Para a gráfica.

CB: Para a gráfica.

JR: E outra coisa, como que era, o quanto esse jornal, você já falou um pouquinho o objetivo da divulgação, mas era importante para a comunidade escolar?

CB: Sim, porque...

JR: Não só para divulgação?

CB: Não só para divulgação do jornal, do colégio, para a comunidade, como também para os próprios alunos. Tanto é que ele foi distribuído, cada aluno recebeu um jornal.

JR: E eu estive vendo aqui, que muitos textos foram escritos por alunos.

CB: Por alunos, exatamente.

JR: Dos diferentes cursos que funcionavam na época.

CB: Porque assim, nós divulgamos em todas as salas de aula, tudo o que seria, que era feito na época, era feito dentro de uma série de uma transparência muito grande. Trocava-se ideia com os professores, com os funcionários, com os alunos, certo? E aí, foi surgindo a ideia, as ideias, as ideias. Tanto é que depois surgiu o número um, o número dois, o número três.

JR: E eu estou vendo aqui que o número três tem parte de humor.

CB: Tem, então, ele foi crescendo nas ideias...

JR: Foi crescendo, curiosidades...

CB: Também... exatamente.

JR: Aniversários.

CB: Aniversários, esportes...

JR: Textos, esportes.

CB: Então, o jornalzinho começou a ter interesse, não só da administração da escola, como também dos próprios alunos, certo?

JR: Tem o Centro Cívico.

CB: Tem o Centro Cívico?

JR: Tem sobre a questão da prática profissional.

CB: Sobre a questão da prática profissional.

JR: Tem uma entrevista com o professor Cecconi.

CB: E o professor Oscar.

JR: Oscar.

CB: O professor Oscar era professor de eletrotécnica, da área de eletrotécnica.

JR: Tem também sobre o terreno.

CB: Sim, o terreno do Colégio Técnico, porque, veja você, depois que o Dr. Wilson Romano Calil, nós o convidamos para conhecer a escola, ele chegou lá era mais ou menos umas oito horas, e só saiu quase meia noite, porque ele ficou impressionadíssimo com a escola. E aí, imediatamente o que ele fez? Ele fez um projeto mandando para a Câmara para doação do terreno, certo? O terreno foi doado para o Estado. E depois, nós continuamos na luta para a para feitura do prédio, certo?

JR: Então o jornal também foi importante para isso.

CB: Foi importante também, sem dúvida alguma.

JR: A parte histórica, a parte pedagógica.

CB: Para tudo, serviu para tudo. Foi muito importante. Aliás, se a gente analisar muito bem nos dias de hoje, a comunicação era tudo? Ela é muito importante. Porque se você busca ideias, as ideias das pessoas e aqueles que dirigem, precisam ter a mente aberta para receber tudo e depois fazer uma análise daquilo que deve e aquilo que não deve, ouvir a maioria...

JR: Ser publicado.

CB: Aquilo que pode ser publicado, aquilo que não pode ser, está certo? Os aspectos que vão contribuir com alguma coisa?

JR: Então vocês faziam essa seleção também?

CB: Fazíamos a seleção, sim, juntamente, nós tínhamos o professor Clóvis, o Professor Cecconi, a professora Emília, o professor, os professores de português. A gente levava o texto ao vivo. Veja aí se tem algum erro, se tem algum erro de português, se tem alguma frase aí que não deve ser colocada, certo? Tanto é que tem no primeiro número que eu escrevi um artigo aqui sobre, contando mais ou menos a história, né, do...

JR: Do curso, né, do colégio...

CB: Do colégio. Está certo. E falamos até da Diretoria de Diretoria de Ensino Técnico, que nós tínhamos uma Diretoria de Ensino Profissional.

JR: É décima primeira.

CB: É a décima primeira...

JR: É.

CB: E o nosso inspetor regional era o professor Ídio Zucchi (*da 11ª IREP*) e ele não morava aqui no município. A residência dele era em Bebedouro, e ele vinha toda a semana, ele permanecia aqui dois dias, porque ele fazia a inspeção nas escolas técnicas aqui de Catanduva, Mirassol, Monte Aprazível e Votuporanga. Ele fazia essa inspeção.

JR: Certo... e vocês fizeram três números?

CB: Três números.

JR: Depois...

CB: Só três números.

JR: Depois teve a mudança?

CB: Aí teve a mudança... Aí deu uma parada e aí provavelmente depois eu fiquei sabendo que houve a continuidade de um outro jornal na escola.

JR: Na década de 80 “O Moinho”.

CB: “O Moinho”, né?

JR: E como que era feita a diagramação? Vocês iam à gráfica, era feito um piloto, depois...

CB: A gente preparava o material, tudo...

JR: Os textos.

CB: Os textos, direitinho, e levava lá no jornal.

JR: E a gráfica... que montava?

CB: A gráfica? A gráfica montava pra gente. Aí eles mostravam “Tá bom?”, “Tá”, “Tá superbom!”, “Por mim tudo bem”.

JR: E aí distribuía?

CB: Na unidade, na unidade escolar. A gente passava para a unidade escolar, e para alguns eu mandava, inclusive mandei exemplares lá para a Coordenadora de Ensino Técnico e para Diretoria de Ensino, porque tinha a Diretoria de Ensino Técnico e a Coordenadoria, eu mandava para lá, mandava para outras escolas técnicas, entendeu?

JR: Agora professor Chafic, deixe nos uma mensagem sobre a importância do jornal e da divulgação. Seja impresso ou não.

CB: Olha, na minha opinião a comunicação é muito importante, em todos os aspectos, principalmente numa escola onde existe um relacionamento entre aluno, professor,

funcionário e o dirigente principal, ele deve estar em contato com todos que participam da unidade, certo? Porque eu entendo assim: - Eu sou o diretor, mas eu sou uma pessoa, nós temos lá o quadro de profissionais que nos ajudam, os serventes, as merendeiras, tínhamos os inspetores de alunos que dentro da função deles, a gente precisa respeitar a pessoa humana. Certo? E você, tratando bem as pessoas como pessoa humana, ele vai desenvolver o seu trabalho ainda muito melhor, certo? Por quê? Porque há uma hierarquia, apenas em termos de cargos, mas como pessoas, nós somos todos iguais, então essa comunicação é muito importante. Eu, por exemplo, só para exemplificar, eu chegava na escola, eu passava por todas as salas de aula, abria a porta e “Oi, tudo bem?” “Como é que tá?” “Boa tarde!” “Bom dia!”, você tá entendendo? Durante toda a minha vida profissional, não era só no colégio técnico, é uma coisa que eu, inclusive, quando fui secretário de Educação do município...

JR: É, isso sempre foi do senhor.

CB: Eu fazia, eu fazia também. Eu também tinha essa mesma, esse mesmo hábito de conversar com as pessoas e de se relacionar. E a gente relacionando, eles não tinham dificuldade de vir conversar com a gente. Então, os aspectos positivos e negativos vinham até você através dos próprios profissionais.

JR: E o jornal?

CB: E o jornal, o jornal contribuiu muito com isso, certo? Tanto é que se você observar, o jornal tem, tem trabalhos de alunos que alunos que participaram, que deram opiniões e divulgaram professores, certo? E professores que faziam as coisas assim, de coração, que não queriam nem o nome, tanto é que nós temos aqui, eu me lembrei aqui, que tem uma mensagem aqui no primeiro número, eu fiz questão absoluta, cheguei e falei para dona Emília “Escreva alguma coisa para eu colocar pra senhora”, pegou e me deu esse papel aqui e “Pelo amor de Deus, não coloca meu nome”, então não coloquei, eu respeitei a opinião dela, certo? E é uma mensagem muito bonita ó “Não esconda mais o sol que mora no branco de seu olhar, nas linhas de sua mão e no lado de lá de minha rua. E venha e me ajude a arrumar o jardim, o telhado, o quintal, a mudança. E me dê a mão e sinta esse vento forte soprando no rosto.”

JR: Bonito.

CB: Então foi eu, foi a mensagem que eu pedi. E é porque eu, no primeiro número, nós fizemos agradecimentos ao prefeito Dr. Wilson Romano Calil, não é isso.? Nós falamos sobre a merenda escolar, uma das melhores merenda escolar que nós tivemos naquela época. Foi na época do Dr. Wilson Mauro Calil. Ele fazia questão de que os alunos tivessem assim, consumissem proteína, tanto é que, não sei se eu posso falar aqui, mas ele mandava ovos para cozinhar para todos os alunos num dia da semana. E quem introduziu o cachorro-quente na merenda e lanche de presunto com muçarela para todos os alunos. Certo? Então a gente só tinha que agradecer.

JR: E foi feito esse agradecimento através do jornal?

CB: Não, nós fizemos o agradecimento ao jornal e por tudo, pela assistência e atenção que vêm dispensando ao nosso estabelecimento.

JR: Seu Chafic...

CB: E, também, os outros agradecimentos nós fizemos aqui, como você pode observar.

JR: Era outros que contribuíram com a escola?

CB: Outros que contribuíram com a escola.

JR: Professor, eu agradeço muito. O Senhor quer deixar alguma marca ou falar...

CB: Eu que eu agradeço porque eu quero dizer para você, Jurema que. Eu até tenho feito essa observação aí na cidade, Rio Preto, infelizmente, é uma cidade que tem pouca memória. Se vocês observarem, nós temos jornal na cidade, o Diário da Região, que publica uma vez por semana uma folha sobre a memória da cidade, que é aquele jornalista, eu não estou lembrado do nome dele agora, mas a gente cumprimenta e agradece esse trabalho que tem feito. Porque na verdade, tem tantas coisas muito boas que foram feitas aqui na cidade, e que infelizmente, não são conhecidas. E eu enalteço esse trabalho lá da nossa escola, falo nossa escola que eu me considero de lá, da Etec que eu dei, Escola Técnica Philadelpho Gouvêa Netto, pelo fato de ter você, uma professora...

JR: Colaboradora.

CB: Colaboradora, competente e que vem, vem trazendo isso aí a fio, para deixar para a comunidade que vier no futuro, saber quem são, quem são as coisas, quem são as pessoas, não é isso? Quem foram as pessoas, quem são as pessoas, que é muito importante. Eu não sei se cabe aqui, mas eu, por exemplo, quando fui secretário de Educação de Nova Aliança, eu ia na sala de aula, eu pedia aos professores, que falavam, “Converse com os alunos”. A cidade é pequena. “Por que é que se chama essa rua que tem esse nome?” “Quem foi esse cidadão?”, certo? “Qual a importância dele?” “Qual foi a importância dele para o município?”

JR: É, valorização.

CB: Valorização, valorizar o ser humano e, também, a memória da cidade, que são muito importantes a memória e o Philadelpho, veja você, quantas escolas nós temos aqui na cidade? Quantas escolas tem memória? Passa diretor, entra diretor, sai diretor, ninguém. Não sei se foi, eu trabalhei numa escola, eu trabalhei em muitas escolas. Mas se no Monsenhor Gonçalves, por exemplo, você vai perguntar lá “Quem foi fulano de tal”, “Quem foi o diretor no ano tal?” Ninguém sabe, não é? Não tem nenhum quadro lá para mostrar quem foi, nem o nome, certo? Então eu cumprimento, não só você, Jurema, pelo seu trabalho, e, também a direção e a coordenação, e a Secretaria de Ciência e Tecnologia que tem prestigiado esse trabalho para você.

JR: E o Centro Paula Souza...

CB: Eu posso. Porque se você, não sei se você não deve tá sabendo. Mas quando nós pensamos em construir o prédio do Philadelpho, nós tentamos naquela época passar o Colégio para a Escola Ciência e Tecnologia, Paula Souza.

JR: Mas agora aconteceu.

CB: Agora aconteceu, graças a Deus e graças...

JR: Desde 1993...

CB: Porque se não fosse isso, a nossa escola aí não seria o que ela é hoje.

JR: E esse projeto é do Centro Paula Souza! Professor, eu agradeço muito.

CB: Não precisa me agradecer. Eu acho assim, aquilo que a gente fez, a gente fez e foi. E tanto é que foi dentro do nosso trabalho, mas a gente faz de coração, porque nós somos educadores, nós temos que passar aquilo que nós sabemos para as outras pessoas, porque senão não tem sequência.

JR: Muito Obrigada.

CB: Eu que agradeço.

Descritores

História oral na educação
Memórias do Trabalho Docente
Etec Philadelpho Gouvêa Netto
Jurema Rodrigues
Chafic Balura
Jornal Escolar Impresso “Ganguru”
Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto
Menção ao professor Ídio Zucchi
Departamento do Ensino Técnico
Técnico em Eletrotécnica
Técnicos de Mecânica e Edificações
Secretaria de Ciência em Tecnologia
Direção Escolar
Coordenadoria de Ensino Técnico

Dados Biográficos do Entrevistado



Chafic Balura - Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, atual IBILCE, Campus da UNESP (1965). Curso de Especialização: Didática Geral, realizado na UNAERP, Ribeirão Preto, 360 horas, (1973). Em Educação: Orientação Educacional, realizado na UNAERP, Ribeirão Preto, 360 horas, (1974). Diretor do Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto, atual Etec Philadelpho Gouvêa Netto, período de 03/1974 a 02/1976, quando recebeu homenagem conforme Requerimento 01/75, voto de aplauso da Câmara Municipal de São José do Rio Preto pela exímia gestão (1975). Assistente de Diretor de Escola no Colégio Estadual “Prof. Antônio Teixeira Marques” na EEPG. “Cenobelino de Barro Serra” – São José do Rio Preto (1972). Assistente de Diretor de Escola na EEPG. “Prof. Oscar Salgado Bueno” em São José do Rio Preto, (16/01/1977 a 16/03/1981). Diretor de Escola da EEPG. “Prof. Francisco Purita”, Distrito de Ipiquá de São José do Rio Preto, (26/01/1982 a 04/1983). Assistente Técnico de Supervisão Pedagógica na Área de Ensino da DRE de São José do Rio Preto, de 1983 a 1988. Secretário de Educação de São José do Rio Preto (01/1989 a 12/1992). Secretário Municipal de Cultura de São José do Rio Preto, (01/1989 a 01/1991). Diretor da EEPG. “Prof. Halim Atique”, em São José do Rio Preto, (01/1993 a 10/1995). Diretor da EE. “Prof.^a. Ivete Gabriel Atique” em São José do Rio Preto, (10/1995 a 05/2002). Coordenador de Educação do Município de Nova Aliança (08/1999 a 05/2009). Publicações: “A Educação e o Problema dos Recursos Humanos” – Revistas Humanas – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, nº 2 (1976). Colaborador do Jornal “A Folha de Rio Preto”, (1976 a 1980). “Filhos, Trabalho, Escola: Temática da Inquietação” – Revista Aqui, Agora, nº 16 29 – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto (1981). Conferência Intermunicipal de Educação - CONAE 2010-pólo de São José do Rio Preto, de 16 e 17/07/2009. Secretário Municipal de Educação do Município de

Nova Aliança, (06/2009 a 12/2010). Eleito Presidente da APAE de São José do Rio Preto, Triênio 2011 a 2013 e reeleito (11/2015 a 12/2016). Atualmente, Coordenador de Educação do Município de Nova Aliança, Estado de São Paulo.

Dados Biográficos da entrevistadora



Jurema Rodrigues - Licenciada em Letras pela FARFI - (1984). Licenciatura Plena em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar 1º e 2º graus pela Faculdade de Educação “Antonio Augusto Reis Neves” - Barretos/SP (1986). Magistério Matérias Pedagógicas de 2º grau pela Faculdade de Educação “Antonio Augusto Reis Neves” – Barretos/SP (1992). Pós-Graduação “Lato Sensu” Mod. Especialização em Língua Portuguesa - UNICAMP (2013). Professora de Língua Portuguesa e Literatura na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo de 1986 a 2013. Professora de Língua Portuguesa e Literatura, desde 1996. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza (GEPEMHEP), desde 2012. Curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto, desde 2013. Autora das publicações historiográficas registradas no site da Etec Philadelpho Gouvêa Netto: <https://etecphiladelpho.cps.sp.gov.br/>

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Chafic Balura

Termo de Autorização para uso de Imagem de Chafic Balura